

Viagens da memória: espaço e lembrança em Milton Hatoum

Majda Bojić

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade de Zagreb
mbojic@ffzg.hr

UDK: 821.134.3(81).09 Hatoum, M.
pregledni rad
<https://doi.org/10.17234/9789531758819.10>

No trabalho partimos da perspectiva que une duas componentes das narrativas de Milton Hatoum – memória e espaço. A interação entre eles conta com o estudo das personagens-testemunhas que, mediante atos de lembrança, revisitam lugares da sua infância. Uma vez conhecidos e próximos, os lugares tornam-se espaços distantes. A lembrança se oferece, portanto, como um ato capaz de ressuscitar as feições dos espaços antigos que guardam histórias do passado. Nesse sentido, a incenação do espaço de “casa em ruínas” ressalta a necessidade de junção das memórias que podem conferir sentido às histórias do passado familiar. As representações narrativas da memória e do espaço acabam por modificar a noção do espaço como entidade única e íntegra, e também a noção do espaço como entidade imutável, imune aos efeitos da passagem do tempo.

Palavras-chave: espaço, memória, lembrança, passado, Milton Hatoum

“Em certos momentos da noite, sobretudo nas horas de insônia, arrisquei várias viagens, todas imaginárias: viagens da memória.”
(Hatoum 2008a: 145)

1 Introdução

A citação (epígrafe) acima, tirada de *Relato de um certo Oriente*, primeiro romance de Milton Hatoum, publicado em 1989, aponta para aquilo que poderia ser considerado o âmago (e a partida) da escrita hatoumiana. De fato, as narrativas deste escritor eminente da literatura brasileira contemporânea são construídas como verdadeiras “viagens da memória”, sempre em volta de lembranças, com narradores-testemunhas que contam suas histórias a partir da rememoração. Temos, assim, no primeiro romance a narradora não-nomeada que volta após anos de ausência à cidade da infância, tentando recompor as histórias familiares. Segue-se Nael que, no romance *Dois*

irmãos (publicado em 2000), faz um levantamento de memórias alheias tentando descobrir algo mais sobre a história dos irmãos e da sua identidade. Há ainda Lavo que escreve a história do seu grande amigo Mundo em *Cinzas do Norte* (2005) ou Arminto Cordovil, protagonista de *Órfãos do Eldorado* (2008), que rememora as histórias do seu amor e da sua família.

No entanto, a expressão “viagens da memória” remete também, cremos nós, para a relevância da dimensão espacial, isto é, da relação intrínseca entre memória e espaço na escrita hatoumiana. Rememorando, as personagens viajam no tempo e no espaço e as suas lembranças (que são relatadas nas obras) sempre têm uma fundamentação, ou seja, uma concretização espacial. Os atos e o conteúdo da rememoração são âncorados em ambientes precisos (cenografia concreta) com informações sobre a localização ou o nome. Os locais lembrados evocam lugares, cidades, países e paisagens – Manaus, Rio de Janeiro, Londres, Líbano, para enumerar só alguns.¹ Portanto, podemos dizer que os devaneios da memória sempre são acompanhados por uma noção da viagem com destino assinalado.

Contudo, aquilo que mais nos interessa, é a relação entre espaço e memória que assume contornos específicos. Estamos a pensar no modo como os atos de memória transformam a noção do espaço e, vice-versa, como a dimensão do espaço influi na memória determinando o seu percurso. Consideramos, portanto, por um lado, as personagens migrantes que, mesmo habitando outros lugares, sonham com lugares de origem e, por outro, os narradores-personagens que voltam a espaços conhecidos e começam a recordar tempos antigos, incitados pelo ambiente. Essas personagens que “viajam”, mediante a memória, no tempo e no espaço, incorporam a fusão entre os fenômenos de espaço e memória. As suas memórias infiltram-se no seu quotidiano modificando a noção do espaço como entidade estável.

2 *Outras margens* – rememoração de lugares distantes

Ao evocar os tempos que precederam à sua vinda ao Brasil, Halim, um dos protagonistas do romance *Relato de um certo Oriente*, refere: “Ao ler o bilhete, meu pai, dirigindo-se a mim, sentenciou: chegou a tua vez de enfrentar o oceano e alcançar o desconhecido, no outro lado da terra.” (Hatoum 2008a: 65) Assim como as palavras do pai de Halim o indicam, as personagens dos imigrantes empreendem uma longa viagem a fim de chegar a lugares distantes e desconhecidos. Uma vez lá, rememoram os espaços deixados para trás.

¹ Contudo, na maioria dos casos, a evocação dos espaços acaba convergindo para a região amazónica.

Assim, é a sensação de nostalgia que leva Zana, figura central do segundo romance de Milton Hatoum (*Dois irmãos*), a sonhar com a terra natal. Como sabemos a partir do trecho seguinte, é com certa frequência que ela relembra os lugares de origem:

(...) a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século. (Hatoum 2006: 9)

Zana também partilha as lembranças dos espaços da infância com Halim, seu marido:

Deitados na rede, conversavam sobre Galib, a infância de Zana em Biblos, interrompida aos seis anos, quando ela e o pai embarcaram para o Brasil. O pai a levava para banhar-se no Mediterrâneo, depois caminhavam juntos pelas aldeias, (...). A beleza misteriosa, bíblica dos cedros milenares nas ondulações brancas, às vezes douradas pelo sol invernal – ela fazia a pausa, e os olhos, úmidos, roçavam o rosto de Halim. (Hatoum 2006: 46-47)²

Outra personagem de origem libanesa que convive com as memórias dos espaços distantes, é a matriarca Emilie do romance *Relato de um certo Oriente*, que frequentemente relembra os cheiros, a comida e os lugares da terra que deixou para trás. Num momento do romance, Emilie partilha as suas memórias com Anastácia Socorro, a sua empregada:

Ela falava das proezas dos homens das aldeias, que no crepúsculo do outono remexiam com as mãos as folhas amontoadas nos caminhos que seriam cobertos pela neve, e com indicador hirsuto da mão direita procuravam escorpiões para instigá-los, sem temer o agulhão da cauda que penetrava no figo oferecido pela outra mão. Ela evocava também os passeios entre as ruínas romanas, os templos religiosos erigidos em séculos

² Tal é a insistência de Zana em rememorar e falar do pai dela que Halim se torna impaciente. Como se constata nesta passagem humorística: “Passei meses assim, rapaz”, ele disse balançando a cabeça. “Quatro, cinco meses, nem sei mais. Pensei que ela não gostava de mim, pensei em levá-la a Biblos, desenterrar o Galib e dizer para ela: Fica com os ossos do teu pai, ou então vamos levar essa ossada para o Brasil, aí tu conversas com os restos dele até o fim da vida.” (Hatoum 2006: 47)

distintos, as brincadeiras no lombo das animais e as caminhadas através de extensas cavernas que rasgavam as montanhas de neve, até alcançar os conventos debruçados sobre abismos. “Mas tinha um outro caminho, ao ar livre”, dizia emocionada. Era uma escada construída pela natureza: pedras arredondadas pela neve escalonam as montanhas e te conduzem quase sempre a um convento ou monastério. Lá do alto, a terra, os rios e o mar azulado desaparecem: a paisagem do mundo se restringe à floresta de cedros negros e ao rio sagrado que nasce ao pé das montanhas. Além dos muros que circundam os edifícios suntuosos e solenes, uma outra paisagem surge como um milagre: córregos ao meio de bosques, videiras, oliveiras e figueiras que se alastram não muito longe do claustro, da igreja e das celas onde os solitários, nutridos pela religião, alçam o vôo rumo ao céu como as asas de uma montanha. (Hatoum 2008a: 79-80)

Essa citação denota o quão vivas e detalhadas são as lembranças de Emilie e, também, com quanta emoção ela está a lembrar as paisagens remotas. De fato, ao falar com o seu filho, Hakim, Emilie introduz, de repente, frases em árabe e ele sente que ela não está ali com ele: „(...) sem se dar conta, tua avó deixava escapar frases inteiras em árabe, e é provável que nesses momentos ela estivesse muito longe de mim, de Anastácia, do sobrado e de Manaus.” (Hatoum 2008a: 80)³

Cabe aqui evocar as palavras de Luís Alberto Brandão Santos (2000: 53) quando se refere aos imigrantes: “O imigrante é aquele que traz à tona a intensidade da certeza de que estar *aqui* é estar *em outro lugar*, ou ainda, de que *estar* é sempre uma mediação entre dois espaços, átimo que separa e une o estático e o dinâmico.” Essa dialética do espaço facilmente pode ser relacionada com as narrativas de Hatoum. Ao recordar os espaços antes habitados, como o faz Emilie, as personagens entram num trabalho complexo de negociação entre *aqui* e o *outro lugar*. Como consta nas palavras que se referem a ela: “Manaus era o seu mundo visível. O outro lateja-

³ Na obra de Milton Hatoum, no entanto, não são só os imigrantes libaneses aqueles que guardam a memória do espaço deixado para trás. Também as empregadas índias das matriarcas, como Anastácia Socorro e Domingas, recordam os espaços da infância. Referimos as palavras de Nael, filho de Domingas: “Minha mãe não se esquecera desses pássaros: reconhecia os sons e os nomes, e mirava, ansiosa, o vasto horizonte rio acima, lembrando o lugar onde nascera, perto do povoado de São João, na margem do Juru-baxi, braço do Negro, muito longe dali. ‘O meu lugar’, lembrou Domingas. Não queria sair de São João; não queria se afastar do pai e do irmão;” (Hatoum 2006: 55)

va na sua memória.” (Hatoum 2008a: 81) Essa citação claramente expõe a força da memória em desafiar a noção do espaço estável. Ainda na velhice, Emilie vive com as memórias do Líbano e ele faz parte do seu espaço: “Ela também falava sozinha, conversava em língua estranha até com os animais, e ultimamente despertava de madrugada e abria os janelões para contemplar um horizonte irreal formado de aldeias incrustadas nas montanhas de um país longínquo.” (Hatoum 2008a: 123) De fato, podemos concluir que ao lembrar espaços longínquos, as personagens das narrativas de Milton Hatoum desafiam a noção do espaço estático e único e acrescentam um certo dinamismo ao tratamento da dimensão espacial.⁴

3 *Outros tempos* – espaços de memória

“E a paisagem da infância reacendeu minha memória, tanto tempo depois.” (Hatoum 2008b: 101)

Os exemplos que evocamos até agora diziam respeito ao deslocamento das personagens, dedicadas a uma „viagem de memória“ que visava devolver a imagem do espaço deixado atrás. Agora, voltamos para um outro tipo de deslocamento – aquele que as personagens sentem devido à passagem do tempo e que afeta os espaços conhecidos. Trata-se, em primeiro lugar, de personagens que, após um tempo de ausência, voltam ao lugar antes habitado só para o encontrar com um aspeto diferente. Evocamos aqui o exemplo do primeiro romance de Hatoum onde a narradora volta a Manaus, cidade da sua infância. Num momento depois da chegada, ela decide de “perambular pela cidade, dialogar com a ausência de tanto tempo.” (Hatoum 2008a: 109) No entanto, a reação dela é a sensação de “horror” perante uma cidade de repente desconhecida. (Hatoum 2008a: 111) A cidade está tão transformada que ela acaba por sentir uma não-pertença: “E eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui.” (Hatoum 2008a: 110) A narradora se sente como uma estrangeira pois a cidade é, geograficamente, a mesma mas o tempo que passou havia alterado para sempre o espaço conhecido.

No caso das obras de Hatoum, é muitas vezes esse encontro com o espaço mudado que provoca uma efusão de lembranças. De fato, o espaço,

⁴ É de acrescentar que, nas narrativas de Hatoum, a presença de “outros espaços” resulta também da figuração do espaço multicultural onde convivem personagens de tradição, raça, língua e religião diferentes. Mais precisamente, estamos a referir-nos ao exercício quotidiano da manutenção de tradições, hábitos ancestrais e a preparação da culinária. São atos que revelam a necessidade da continuação das práticas antigas afim de preservar a continuidade identitária do grupo. (ver Bojić 2015)

dentro das narrativas hatoumianas, funciona frequentemente como um elemento mnemónico – ele é capaz de guardar e suscitar lembranças como uma ponte de acesso ao passado.⁵ Numa leitura que evoca as palavras e os “lugares de memória” de Pierre Nora (1993: 7), o espaço é um ponto fixo, um lugar „onde a memória se cristaliza e se refugia“, fazendo oposição às diversidades da vida. O espaço incentiva as personagens a lembrar, reacendendo as memórias do seu passado.⁶

Estamos a pensar em personagens que, tal como a narradora do *Relato*, retornam ao espaço antes habitado e que agora se oferece como uma ponte de acesso às memórias soterradas. O retorno da narradora à casa e ao espaço da sua infância, após anos de ausência, é marcado pelas sensações fortes de revisitação e de lembranças e são por vezes incitadas pelo próprio ambiente. Tal como as palavras da narradora, ou seja, a sua intenção de “perambular pela cidade” e “dialogar com a ausência de tanto tempo” (Hatoum 2008a: 109), sugerem a realização de um passeio marcado pela lembrança. Como ocorre também em outras obras de Hatoum, depois de anos passados, tudo é diferente e novo, mas, por outro lado, ele é ainda o mesmo, ou seja um território conhecido que suscita recordações.

O retorno de Yakub, uma das personagens centrais do romance *Dois irmãos*, também é marcado pela reminiscência sustentada pelo espaço conhecido: “No caminho do aeroporto para casa, Yakub reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha.” (Hatoum 2006: 13) Yakub volta depois de anos de ausência à cidade natal, uma ausência que ele não quis. Como se lê na continuação do texto, ele dá respostas à mãe “sem tirar os olhos da paisagem da infância, de alguma coisa interrompi-

⁵ No livro *Espaços da recordação*, Aleida Assman (2011: 317) sugere que a expressão “memória dos locais” subsume duas perspetivas possíveis. A primeira concerne a aceção enquanto *genitivus objectivus* – “uma memória que se recorda dos locais” e a outra diz respeito a “uma memória que está por si só situada nos locais”, na aceção do termo enquanto *genitivus subjectivus*. Segundo ela, “a expressão é sugestiva porque aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos.”

⁶ Reforçamos tal argumento com algumas citações da novela *Órfãos do Eldorado* que explicitamente retratam a capacidade do espaço em suscitar memórias: “Quando olho o Amazonas, a memória dispara, uma voz sai da minha boca, e só paro de falar na hora que a ave graúda canta.” (Hatoum 2008b: 14), “A ânsia e as lembranças da Boa Vida. A visão do rio Negro derrotou meu desejo de esquecer o Uaicurapá. E a paisagem da infância reacendeu minha memória, tanto tempo depois.” (Hatoum 2008b: 101)

da antes do tempo, bruscamente.” (Hatoum 2006: 14) Continuam as lembranças da infância como que instigadas pelo retorno.⁷

O exemplo talvez mais saliente dessa prática narrativa onde o espaço pode incentivar uma exposição de lembranças é o conto “Estrangeira da nossa rua” publicado na coletânea *A cidade ilhada* (2009). O conto inteiro é, aliás, construído a partir das recordações do protagonista (e narrador) provocadas pela volta à cidade natal. Ele é literalmente levado pelas lembranças do tempo distante quando costumava vigiar, a partir da sua varanda, a sua simpatia, a bela e misteriosa Lyris. As lembranças são fruto do encontro com a cenografia conhecida mas alterada. Em vez de encontrar a casa onde morava Lyris e a sua família o narrador encontra ruínas: “Na varanda da casa, ao olhar as ruínas do bangalô, me lembrei de Lyris, ...” (Hatoum 2009: 16) O narrador se deixa levar pelas lembranças como que numa tentativa de recuperar o passado distante.

Na relação evidente e dinâmica entre tempo e espaço, transforma-se o conhecido e a memória possibilita o trabalho da reconstrução.⁸ Para investigar melhor tal assunto, examinamos mais de perto o espaço da “casa em ruínas”.

3.1 *Casa em ruínas*

“O ponto de partida – e de chegada – do romance hatoumiano”, segundo Denis Leandro Francisco (2007: 15), “são as ruínas e a ficção que se realiza a partir delas é uma tentativa de imaginar o passado, de (re)construí-lo, num retorno da linguagem e da memória a um tempo que já não existe mais: (...)” No caso das narrativas de Milton Hatoum, as imagens de ruínas dizem respeito à casa da infância que se tornou uma “casa em

⁷ Nas narrativas de Hatoum, a relação próxima entre espaço e lembranças é evocada também mediante uma perspectiva “negativa”. Assim, o irmão da narradora do *Relato* vive na Europa enquanto ela lhe escreve notícias da família dizendo: “Pensei na tua repulsa à esta terra, na tua decisão corajosa e sofrida de te ausentar por tanto tempo, como se a distância ajudasse a esquecer tudo, a exorcizar o horror: (...)” (Hatoum 2008a: 120). Ela está a dar a entender que o seu irmão tinha viajado para longe devido à necessidade de esquecer.

⁸ Com o retorno a “lugares significativos”, adverte Aleida Assmann (2011: 25), “ocorrem ‘reanimações’, nas quais tanto o lugar reativa a recordação quanto a recordação reativa o lugar.”

⁹ O motivo é explicitamente evocado, como neste exemplo do primeiro romance: “O pânico e a aflição diante da morte, a casa varrida por um vendaval, um tremor de terra no coração da família, não se sabe a quem recorrer nesta manhã que parece fora do tempo, nesta casa em ruínas, às avessas, e onde as preces se misturam com as confissões de culpa, como se as palavras sagradas tivessem o poder de banir a ausência, o vazio deixado pela morte.” (Hatoum 2008a: 124)

ruínas”.⁹ O espaço da casa familiar do primeiro romance sofre o processo penoso da desintegração paralela no plano material, social e afetivo. O mesmo ocorre em *Dois irmãos* onde a casa da matriarca Zana lentamente se desmorona ao invés das suas tentativas de aproximar os seus filhos. Também em *Cinzas do Norte* o palacete de Jano vira refúgio para escombros da história familiar e na novela *Órfãos do Eldorado*, a falência da empresa dos Cordovil é acompanhada pela ruína da moradia da família, o “palacete branco”, a sua propriedade em Vila Bela.¹⁰

A casa é, segundo Gaston Bachelard (2000: 30), “uma das maiores forças de integração para os pensamentos, memórias e sonhos do homem.” Ademais, o espaço da casa é imprescindível na construção e na preservação da sensação de integridade e estabilidade do indivíduo: “Na vida de homem a casa rejeita incertezas, oferece em abundância a reflexão sobre estabilidade, duração contínua. Sem ela, o homem seria um ser disperso.” (Bachelard 2000: 30)

Falhando nessa possibilidade de proteção, conforto e sentimento de continuidade, as casas de Hatoum abrigam dramas familiares. Nesse sentido, encontramos uma imagem da casa desestruturada que acompanha (também simbolicamente) os processos complexos da desintegração familiar. É a imagem da “casa em ruínas”, que remete à desintegração da família.

No entanto, o espaço familiar que abriga um passado perdido pode ser recuperado pelo trabalho dos narradores: “É como se, diante de uma ruína – a casa desfeita da infância é uma delas –, os narradores tentassem imaginar o ‘todo’ que se desfez – a casa antes da sua destruição.” (Francisco 2007: 15) Sabendo que a imaginação dos narradores é sustentada pela lembrança, pode-se concluir que o trabalho de memória se torna necessário como uma tentativa da recuperação do passado disperso e longínquo.

Na prosa de Hatoum, o motivo da ruína faz parte do enredo que acompanha o desabamento económico e a desestruturação da família. No entanto, a ruína ainda pode ser enxergada como uma metáfora da memória, pela expressão da presença e da ausência que, manifestando-se simultaneamente, cria uma tensão que instiga e possibilita o ato da narração assente na lembrança.¹¹ A nossa leitura da “ruína” enquanto metáfora da

¹⁰ “Em Vila Bela, Florita me recebeu sem euforia. A fachada do palácio branco não tinha sido caiada; as paredes da sala e dos quartos estavam manchadas de umidade.” (Hatoum 2008b: 58)

¹¹ A tensão está ainda mais presente se pensarmos na casa como uma “guardiã” das memórias. Para Bachelard (2000: 31), a casa tem um papel importante na conservação das memórias e é sobretudo graças à casa que uma grande parte das nossas lembranças

memória se apoia no pensamento de Jeanne Marie Gagnebin (2006: 44) que ressalta a imagem de rastro enquanto noção que, tal como a memória, engloba a tensão entre a “presença do ausente” e a “ausência da presença”. Ainda segundo Gagnebin (2006: 44), a “fragilidade essencial” do rastro contraria “o desejo da plenitude, da presença e de substancialidade que caracteriza a metafísica clássica.” Graças à tensão provocada pela evocação da presença e da ausência do passado, pode-se concluir que a ruína também contraria a noção da plenitude – o que nos leva até às considerações finais: tal como no caso da rememoração dos espaços distantes, o motivo da casa em ruínas (e do espaço transformado) também destabiliza a noção do espaço mas, desta vez, trata-se da problematização do espaço como entidade estável e imutável, ou seja, imune à passagem do tempo. As ruínas simbolizam a passagem do tempo que, ao mesmo tempo, transforma o espaço e distancia o passado.

Conclusão

O nosso trabalho visava analisar a relação entre espaço e lembrança presentes nas narrativas de Milton Hatoum. Nesse sentido, partimos da noção da viagem (imagem figurativa da memória) empreendida pelas personagens que mediante a memória visitam lugares do seu passado, principalmente, lugares da infância. Por vezes, estes lugares pertencem aos espaços distantes, mas outras vezes é o espaço conhecido que está distante porque transformado.

Em ambos os casos, o ato da rememoração aparece como uma solução para a recuperação dos espaços distantes oferecendo uma revisitação, ou seja, uma “viagem ao passado”. O “retorno” ressalta a noção do espaço como elemento mnemônico, capaz de reacender as memórias do passado. No centro da atenção encontra-se, portanto, a „casa em ruínas“ como espaço essencial das narrativas, marcando simbolicamente momentos da história familiar e originando, ao mesmo tempo, processos rememorativos destinados a recompor as histórias distantes e “desintegradas”.

tem “alojamento”. A epígrafe do romance *Dois irmãos* também incita a esta leitura: “A casa foi vendida com todas as lembranças/todos os móveis todos os pesadelos/todos os pecados cometidos ou em vias de acometer/a casa foi vendida com seu bater de portas/com seu vento encanado sua vista do mundo/seus imponderáveis (...).” (Hatoum 2006: 7) Estes versos do grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, ressaltam a ligação intrínseca entre o espaço da casa e as memórias. E, sendo que a figuração da casa nas narrativas de Hatoum confirma esta conexão, não admira que o encontro com a casa desfeita suscite uma efusão de memórias.

O resultado destes movimentos narrativos, que unem a memória e o espaço, é uma desestabilização da noção do espaço como entidade única, íntegra, com traços demarcados e permanentes, provocando também uma alteração na noção do espaço como entidade imutável e “suspensa no tempo”.

Bibliografia

- Assmann, Aleida (2011). *Espaços da recordação* [prev. Paulo Soethe], Campinas: Editora da Unicamp.
- Bachelard, Gaston (2000). *Poetika prostora* [prev. Zorica Ćurlin], Zagreb: Ceres.
- Bojić, Majda (2015). Memória cultural e identidade em Milton Hatoum, *Studia romanica et anglica zagradiensia*, LX, pp. 145-164.
- Santos, Luís Alberto Brandão (2000). Línguas estranhas, *Trocas culturais na América Latina* [ur. Santos, Luís Alberto Brandão; Pereira, Maria Antonieta], Belo Horizonte: UFMG, pp. 47-65.
- Hatoum, Milton (2005). *Cinzas do Norte*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Hatoum, Milton (2006). *Dois irmãos*, São Paulo: Companhia das Letras [prvo izdanje 2000.]
- Hatoum, Milton (2008a). *Relato de um certo Oriente*, São Paulo: Companhia das Letras [prvo izdanje 1989.]
- Hatoum, Milton (2008b). *Órfãos do Eldorado*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Hatoum, Milton (2009). *A cidade ilhada*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Francisco, Denis Leandro (2007) *A ficção em ruínas: „Relato de um certo Oriente“, de Milton Hatoum*, Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Gagnebin, Jeanne Marie (2006). *Lembrar escrever esquecer*, São Paulo: Ed. 34.
- Nora, Pierre (1993). Entre Memória e História: a problemática dos lugares [prev. Yara Aun Khoury], *Projeto Historia*, São Paulo: PUC, 10, pp. 7-28.

Putem sjećanja: prostor i sjećanje u djelima Miliona Hatouma

U radu polazimo od gledišta koje spaja dvije sastavnice prozanih djela Miliona Hatouma – sjećanje i prostor. Njihovu odnosu pristupamo putem proučavanja likova i pripovjedača za koje sjećanje predstavlja svojevrsno „putovanje“ u prostor djetinjstva i skrivene dijelove prošlosti koji razotkrivaju nepoznate osobitosti obiteljskog života. Budući da je riječ o davno minulim mjestima iz prošlosti, pokazuje se potreba za prizivanjem uspomena koje bi povratile ne samo obrise prostora već i pripovijesti koje ti prostori „pamte“. U tom se smislu ukazuje na mnemoničku ulogu prostora koji može sačuvati ali i potaknuti na sjećanje. Osim toga, rad pokazuje kako prikazi sjećanja i prostora u ovim djelima problematiziraju pojam prostora kao jedinstvenog, cjelovitog i nepromjenjivog entiteta.

Ključne riječi: prostor, pamćenje, sjećanje, prošlost, Milton Hatoum

